SOMBRAS DE APOLO*

Flávio R. Kothe

* Conto publicado no livro *Segredos da concha* (Editora Cajuína, 2019, p. 58-60).

Eu tinha uma sombra em mim, tão obscura que não a conhecia nem reconhecia. Nas sombras de mim mesmo ela se perdia. Só quando senti a sombra que em ti havia e me impedia de me aconchegar em ti, passei a suspeitar da extensa sombra que se estendia, assombrando a mente que eu tão lúcida pretendia.

Eu havia me perdido, ofuscado naquilo que eu pensava ser luz. Nas trevas do luto em que a tua sombra interior me jogou, descobri aos poucos quão obscura era a luz que parecia nos iluminar. Tu me ensinaste a andar devagar em mim, a sombra que em ti havia me ensinou, mais que tu, a sopesar a escuridão com as mãos. Estava densa entre nós, lançando o seu negror iluminado e nos fazendo desaparecer em meio ao dia.

Era a hora dos fantasmas, Apolo no sol a pino, sombra nenhuma e imagem plena. Parecia não haver sombra em nada, tudo era sombra e refulgia como se fosse dia. Tudo era luz, tudo era sombra, tudo era sombra na luz. A sombra se vestira de luz para esconder sua nudez. À vista de todos, ninguém a via. Era noite ao meio-dia. Noite havia na luz do dia.

Quando caminhei pelas ruas de Pompeia, pulei sobre as pedras redondas das ruas como se eu fosse um antigo romano a evitar rodas de carroças que não passavam mais. Zoe passou rápida duas ruas adiante, mas tão rápida como se jamais tivesse passado. Havia quem buscasse Gradiva, a grã diva, grávida de divina vida, enquanto eu vagava distraído com as mãos nos bolsos e um tango argentino nos lábios. Eu não sabia então que meu coração já estava perdido nas ruas de Pompeia, desviado para sempre à bela fera que eu deveria ter encontrado e jamais pudera abraçar.

Hoje caminho pelas ruas do Lago Norte como os velhos que lutam contra os anos que vão abrindo covas na solidão da noite. Tive uma oração para a Bela Adormecida do Norte, mas ela não ouviu a canção ao pé da torre. Mirava deus nas alturas, não me ouvia. Vejo o fenecer do sol, durmo com a cabeça para o norte e saúdo assim o amanhecer, mas nada muda. Mudo.

Passa-se um dia, uma semana, um mês, talvez passem anos, tudo muda e nada passa. Vou continuar caminhando sozinho nas

trilhas obscuras do peito: não no meu, e sim já no obscuro campo que desembocou em teus olhos e me emborcou pelo avesso. Nada mais tenho a acrescer senão o mesmo imperativo que nos fez perder o brio da solidão e o brilho do orgulho. Apalpo as sombras que existem em nós, sombras que se envolvem e revolvem na cama do meio-dia: perderam-se nas ruas de Pompeia, bem antes de serem o nosso desencontro.

Eu quis ficar contigo, mas tu quiseste apenas tua paz. Por fraqueza foste a fortaleza que não abriu seus portais para meus cavalos mortais. Teus muros não acenaram bandeiras. No silêncio do meio-dia, quando todos os pássaros se calam e nada se move, sequer o vento invisível com a pomba alada que deveria trazer o ramo com brotos, passei a entender benesses do desamor: da morte vive a vida, até ser consumada e consumida.

Noite após noite escuto os gritos da coruja solitária no poste da esquina que não leva a lugar nenhum. Seu companheiro se foi há um mês e nem rastro deixou no ar. Bateu contra a minha janela e morreu. O pio solitário clama para a lua e para o vento, só cachorros da vizinhança respondem. Mais feliz parece quem chora saudades do que já teve. Tenho saudades do que nunca tive.

Nenhuma resposta recebo, e nem quero. Vejo exposta a nossa falência, um feto abortado numa caixa de sapatos enterrada sob bananeiras, como se o aceno das longas folhas fosse o farfalhar dos fantasmas do que poderia ter sido e não será jamais. Não peço perdão por ter tentado caminhar em tua solidão. Tentei percorrer a tua escuridão, estendi a minha mão e me vi pendurado no abismo. A tua solidão caminha em mim. Ela é a luz que tenho de ti. Já é demais, de ti não quero mais. Solidão do meio-dia, solidão da noite e meia.